

Alemanha e Grécia: Juntas, por enquanto



O apoio à posição pró-Zona do Euro de Merkel do presidente da União Social Cristã (CSU), influente defensor de uma abordagem linha-dura, é crucial para as relações entre os dois países. Foto: David Gannon / AFP

As atitudes em relação à Grécia no meio político alemão parecem ter-se modificado notadamente nos últimos meses. Enquanto os principais líderes da coalizão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário, mesmo que Atenas peça novos recursos (como sempre foi provável). Mais recentemente, o ministro-presidente do estado alemão da Baviera, Horst Seehofer, importante figura no governo de coalizão federal, declarou que “não havia motivo no momento” para falar em uma saída da Grécia da Zona do Euro.

Tal mudança representa um sucesso para a chanceler e líder do Partido Democrata Cristão (CDU), Angela Merkel, que está preocupada há algum tempo sobre os potenciais riscos políticos e financeiros associados a forçar uma saída da Grécia. Em contraste, o ministro das Finanças, Wolfgang Schäuble, e alguns importantes políticos de outros partidos da coalizão — a União Social Cristã (CSU) e o Partido Democrático Livre (FDP) — pareciam mais dispostos a aceitar esses riscos, contra o pano de fundo da crescente resistência dos eleitores alemães à concessão de mais ajuda financeira para outro pacote de socorro à Grécia. O apoio implícito de Seehofer à posição da chanceler é crítico, pois o presidente da CSU é um dos mais influentes defensores de uma abordagem linha-dura em relação à Grécia.

Diversos fatores podem ter ajudado a cancelar a conquistar seus colegas mais céticos. Primeiro, o novo primeiro-ministro grego, Antonis Samaras, é considerado em Berlim um líder razoavelmente verossímil, e que o governo alemão acredita estar preparado para tentar implementar o ambicioso programa de reformas exigido da Grécia por seus credores. Segundo, os políticos da coalizão perceberam que, antes da eleição geral na Alemanha no próximo ano, existe um claro risco de que o público questione toda a estratégia de socorro adotada até agora na crise do euro se um dos países beneficiados deixar o bloco e der o calote em sua dívida bilateral. Entre outras coisas, isto inevitavelmente dificultaria para os políticos alemães justificar um apoio contínuo e adicional a outros países da Zona do Euro, como Espanha, Portugal e Irlanda (e talvez a Itália).

Terceiro, há uma opinião em círculos do governo alemão de que apesar das barreiras “corta-fogo” europeias destinadas a limitar as consequências de uma possível saída do euro e/ou um grande turbilhão financeiro terem sido teoricamente reforçadas desde o final de 2011 — basicamente em consequência da intervenção do Banco Central Europeu (BCE) —, a saída grega ainda representaria uma ameaça significativa para o recente período de estabilização relativa na região. Peer Steinbrück, o candidato a chanceler do principal partido de oposição, o Partido Social-Democrata (SPD), de centro-esquerda, já indicou que está pronto para fazer mais em apoio à Grécia.

Isso sugere que a Alemanha estaria preparada a efetuar novos esforços para manter a Grécia na Zona do Euro, incluindo um prazo adicional para que o governo grego cumpra suas metas orçamentárias e outras reformas. É amplamente aceito que a Grécia ainda está longe de alcançar as demandas impostas pela tróica — Comissão Europeia, FMI e BCE. Rumores não confirmados sugerem que Atenas receberá uma prorrogação de dois anos, até 2016, para implementar uma longa lista de reformas acordadas. A natureza exata desses esforços dependerá do valor do financiamento extra que será considerado necessário.

As opções sobre a mesa incluem comprar de volta dívida grega com desconto financiado por dinheiro oficial, cortar as taxas de juros sobre a dívida grega existente e prorrogar as maturidades, em uma tentativa de reduzir o peso total da dívida. Também está sendo considerado antecipar alguns pagamentos do FMI que estão agendados para a Grécia em data posterior, com o fim de cobrir a lacuna de fundos do país em curto prazo. No entanto, mesmo que essas medidas sejam implementadas, parece inevitável que um terceiro pacote de financiamento direto de membros da zona do euro será necessário no período de prorrogação de dois anos. Em troca, o governo alemão quase certamente insistirá que a Grécia aceite mais medidas de austeridade e controle externo sobre sua política orçamentária.

Um novo apoio à Grécia — provavelmente financiado pelo fundo de socorro permanente da Zona do Euro, o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MES), exigiria a aprovação do Parlamento alemão. Uma votação poderia ocorrer em dezembro. Quanto ao público alemão, a oposição entre parlamentares à atual estratégia de socorro, especialmente em relação à Grécia, aumentou gradualmente durante este ano, e tal medida inevitavelmente provocaria críticas em alguns meios. Mas hoje parece que conquistar a aprovação parlamentar para mais uma rodada de apoio financeiro à Grécia (de escala mais modesta que os pacotes anteriores) seria um problema menor para Merkel do que parecia alguns meses atrás, pois os líderes dos grandes partidos de fato manifestaram apoio a essa abordagem.

Fonte: Carta Capital. [Portal]. Disponível em:

<<http://www.cartacapital.com.br/internacional/alemanha-e-grecia-juntas-por-enquanto/>>. Acesso em: 30 out. 2012.